

PAZ E TERRA PARA OS POVOS INDÍGENAS

SEGUNDO GRAU

ÍNDICE

TEXTO BASE	3-13
CARTA AOS DIRETORES E PROFESSORES	15-17
LITURGIA	19-27
SUBSÍDIOS PARA GRUPOS DE JOVENS	29-55

PAZ E TERRA PARA OS POVOS INDÍGENAS

Texto Base

INTRODUÇÃO

1982 será mais um passo da Igreja em direção às comunidades indígenas. Pela primeira vez a CNBB convida todas as dioceses e prelazias, mesmo aquelas onde não vivem mais povos indígenas, para promover a SEMANA DO ÍNDIO como uma semana de evangelização. Toda população envolvente, e, em particular, todos os cristãos são co-responsáveis pela sobrevivência ou não dos 220 mil índios que vivem neste Brasil afora. A CNBB, através do seu Conselho Permanente, propõe como tema desta semana (18 a 25 de abril): *"Paz e Terra para os Povos Indígenas"* e como lema: *"O Índio, aquele que deve viver"*. O lema resume a meta de toda a ação pastoral da Igreja: ajudar os homens a encontrar a vida, a "vida em abundância" (Jo 10,10).

Por exemplo — Os Asurini: Os Asurini são um povo que conta dez anos de contato direto com agentes da sociedade nacional. Em 1931 eram 200 índios. Atualmente estão reduzidos a 53 indivíduos, vivendo à beira do igarapé Ipiaçava, margem direita do médio Xingu. Nos últimos dez anos foram vitimados pela tuberculose e, pressionados pela sociedade nacional, por crises internas da sua cultura, pelo desânimo face à vida. Seu território não é demarcado e a construção de uma das Hidrelétricas do Xingu vai inundar grande parte da sua terra. Depois do contato, depois da "pacificação" como chamamos este contato,

a comunidade Asurini ficou desestruturada, enferma, desolada e a alternativa que lhe resta parece uma só: desaparecer.

Diante desta realidade, a Boa Notícia da “vida em abundância” como a plenitude do Reino é um desafio. O Reino joga seus raios de luz sobre as condições concretas de vida e sobrevivência de cada povo. Muitos povos indígenas vivem em condições tão precárias como o povo Asurini. A SEMANA DO ÍNDIO quer ajudar-nos a conhecer melhor as condições de sobrevivência destes povos primeiros deste país, que de cinco milhões no tempo da conquista foram reduzidos a 220 mil indivíduos. O tema PAZ E TERRA PARA OS POVOS INDÍGENAS indica que a paz destes povos depende da garantia das suas terras. Esta é a lição que a história nos dá: sem terra não há paz para os povos indígenas, há morte e a ameaça de sua extinção.

Esta semana de Evangelização a partir dos povos-restos, que são os povos indígenas, pode ser para a Igreja uma luz e um chamado semelhante àquele que São Paulo recebeu quando desceu a Tróade.

Durante a noite, Paulo teve uma visão: “Vem à Macedônia, socorre-nos! Imediatamente após esta visão, procuramos partir para a Macedônia, persuadidos de que Deus nos chamava a evangelizá-la” (At 16, 9,10). A passagem “para a Macedônia”, para o lugar do outro, é como a própria conversão e renúncia, o primeiro passo da Evangelização. No “lugar do índio”, se nos despojarmos do espírito de superioridade, descobriremos muitos valores evangélicos na sua cultura, no seu modo de ser, na sua vida. Dando é que se recebe, evangelizando é que seremos evangelizados. Uma Irmã, que vive com o povo Mynky, contatado no mesmo ano como os Asurini, escreveu um livrinho sobre “As Bem-aventuranças do Povo Mynky”. O contato dos índios com representantes da nossa civilização não leva necessariamente ao seu desaparecimento. Depende muito do “como” e “com quem” se faz este contato.

Quem quer anunciar, no “lugar do índio”, a Boa Notícia terá também no “lugar do índio” que escutar a “má notícia”, a cobiça e a invasão das terras indígenas. A Boa Notícia do Reino sintoniza a fraternidade dos homens com a paternidade de Deus, visa a uma fraternidade humana sem tutela ou paternalismo. A Boa Notícia do Reino não se re-

duz à “luta pela terra”, mas não se anuncia independentemente dela. Também não é a Igreja que vai resolver o problema das terras indígenas, deve, porém, ajudar os povos indígenas nas suas organizações, na sua autodeterminação, no reconhecimento dos seus direitos pela sociedade envolvente e na superação dos preconceitos desta sociedade para com os índios. A paz dos povos indígenas depende também de nós, de cada um de nós.

PAZ NA BÍBLIA E HOJE

1) *Paz na Bíblia*

Como São Paulo convidou os Efésios, a CNBB convida as dioceses, paróquias, comunidades de base e grupos através da SEMANA DO ÍNDIO para ter “zelo em propagar a Boa Notícia da Paz” junto aos povos indígenas. Com certo realismo devemos confessar que muitas vezes foram os nossos antepassados e os nossos contemporâneos, embora cristãos declarados, que “tiraram a paz da terra” dos povos indígenas como os cavaleiros do Apocalipse (Apc 6,4); mais concretamente, tiraram a terra dos índios e, com a terra, também a paz e a vida.

Do Antigo Testamento conhecemos PAZ como *dádiva do criador*. A própria Bíblia chama Deus “Senhor Paz”, Javé-Shalom (Jz 6,24). O “Senhor Paz” é a base da Lei e da sabedoria para unir todas as criaturas.

Essa paz como dádiva, bênção (Sl 28,11) e presença do Criador, se torna — depois da ruptura da primeira Aliança — objetivo da história da salvação e tarefa histórica do homem. O sentido mais profundo da história é a superação da ruptura entre Deus e o homem numa nova “Aliança da Paz” (Núm 25,12; Is 54,10; Ez 34,25). O homem é parceiro desta Aliança, e, por conseguinte, torna-se co-artífice da paz. A paz com Deus atinge as relações dos homens entre si. “O dom divino da paz é sempre, também, uma conquista e uma realização humana”, diz o Papa João Paulo II na sua mensagem para o 15º Dia Mundial da Paz, que celebramos no primeiro dia deste ano.

A “Aliança da Paz” recebe seu reforço essencial, a garantia da sua viabilidade, através da encarnação de Jesus Cristo, “Príncipe da Paz” (Is 9,5; Zac 9,9) e “nossa paz”

(Ef 2,14). Seu nascimento liga a “glória a Deus no mais alto dos céus” à “paz na terra aos homens de boa vontade” (Lc 2,14). Por isso a presença missionária junto aos povos indígenas visa, antes de tudo, à encarnação como mensagem da paz. A obra da pacificação junto aos índios não é transformar “índios bravos” em “índios civilizados”, é antes de tudo conter as atitudes belicosas da nossa sociedade diante dos povos indígenas e de suas terras. A paz como opção só existe na terra; sem terra garantida não há opção de paz. Por isso a paz da Bíblia é sempre ligada às conquistas da terra e ao concreto chão das lutas pela justiça (Sl 85,11; Tg 3,15). “A paz é uma obra da justiça” (Is 32,17).

Além de ser dádiva e conquista, a paz é também uma promessa do Reino. Essa promessa se antecipa na história através daqueles que promovem a paz como consequência da justiça. Eles são chamados — nas Bem-aventuranças — “filhos de Deus” (Mt 5,9) e herdeiros do “Reino dos Céus” (Mt 5,10).

2) Paz hoje

Em cada cultura e povo a noção de paz assume feições particulares que se refletem nos seus mitos, religiões, leis e costumes. Numa mesma época coexistem várias idéias e visões de paz. O “Shalom” que o anjo anunciou aos judeus não tem nada a ver com a “paz romana” da mesma época. Os decretos de César Augusto e o estandarte da Legião Romana, implantado na Cidade Santa, eram expressões da “paz romana” e, ao mesmo tempo, símbolos de conquista e submissão de outros povos. O mesmo acontece hoje em dia. A visão de paz e vida dos povos indígenas, muitas vezes, é bem diferente da visão que a nossa sociedade tem sobre a paz.

Hoje, geralmente, as propostas sobre a paz partem da premissa da escassez dos bens: faltam alimentos, terra, trabalho, moradias, mercados. Quando um bem ou um produto se torna escasso, este produto fica sendo objeto de guerra. A conclusão errônea desta afirmação de uma meia verdade é: se superamos a escassez de produtos, superamos também com isso os conflitos de uma sociedade de nações dilaceradas por estes conflitos. Nesta visão quantitativa da paz, fome, sobrevivência e vida são estritamente ligadas à produção de bens. Quanto mais se produz, tanto mais pro-

vável seria a paz. Mas a raiz das lutas sociais dentro e entre as nações não é a falta de alimentos ou bens, é antes a falta da distribuição equitativa destes bens para o “bem comum” e a falta de participação de todos.

Em nosso caso, que estamos preparando a SEMANA DO ÍNDIO, a terra se tornou escassa pelo crescimento da população e por sua apropriação e distribuição. Assim a posse e a propriedade da terra interfere na paz dos povos.

Por exemplo — O Povo Nambikuara: O povo Nambikuara perdeu sua paz. Até o começo deste século manteve-se livre das frentes de expansão da sociedade nacional. Com uma população entre 10 e 20 mil pessoas, ocupava uma área de 5 milhões de hectares no noroeste de Mato Grosso e sul de Rondônia. O contato pacífico se deu em 1910, com a Comissão Rondon. Em 1960, com a abertura da estrada Cuiabá—Porto Velho (BR-364) começou a invasão do seu território. Grandes grupos econômicos instalaram fazendas no Vale do Guaporé, território imemorial dos Nambikuara. Para os fazendeiros foram expedidas Certidões Negativas — documentos fornecidos pela FUNAI atestando que ali não havia índios —, para eles foi construída a estrada, da mesma forma que, hoje, para responder aos seus interesses, a BR-364 recebeu um novo traçado. A Rodovia, que será asfaltada com financiamento do Banco Mundial, atravessará os campos de caça e as cavernas sagradas dos Nambikuara. Para onde foi a paz deste povo? Foi soterrada pelas rodas das motoniveladoras que abrem o novo traçado. O que foi feito deles? Dos 10 a 20 mil que eram no começo do século restam 570 pessoas mendigando entre a margem da estrada e o arame farpado que lhes retalhou a terra.

A paz é mais do que um equilíbrio precário entre os que disputam a terra (fazendeiro, posseiro, grileiro, comunidade indígena). Isso seria reduzir a paz a uma “paz meramente econômica”. Para uma “paz econômica” haveria somente uma saída econômica: produzir mais, com menos terra para que mais gente com menos terra tenha o suficiente para comer e o Estado para exportar. A paz se tornaria então um simples fator de desenvolvimento econômico, a produção se tornaria o fator determinante da segurança nacional, da paz interna e externa. O Papa João Paulo II rejeita essa visão de uma “paz econômica”, de uma paz meramente quantitativa, quando escreve na sua mensagem para o primeiro dia deste ano:

“A paz não é tanto um equilíbrio superficial de interesses materiais divergentes — o que se situaria na ordem da quantidade das coisas —, mas, na sua realidade profunda, é, sobretudo, um bem de ordem essencialmente humana — de sujeitos humanos — e, portanto, de natureza racional e moral, fruto da verdade e da virtude. Sim, a paz resulta do dinamismo das vontades livres, guiadas pela razão no sentido do bem comum a atingir na verdade, na justiça e no amor” (nº 4).

A ligação da paz ao desenvolvimento econômico e à produção íntegra nesta “paz econômica” novos fatores bélicos contra o meio ambiente, a ecologia e contra todas as culturas de subsistência. Neste contexto, o desenvolvimento como proposta da paz da nossa sociedade significa sempre a desarticulação de culturas orientadas para a subsistência e sua subsequente integração num determinado sistema econômico vigente.

A partir deste ponto de vista, a caminhada dos povos indígenas rumo à civilização se resume, na melhor das hipóteses, em “integrar-se” na condição precária de pequeno proprietário no campo, ou de diarista morando numa favela de cidade. Não se quer reconhecer que os povos indígenas são sociedades diferentes que, embora usando machado, espingarda ou trator, têm o direito de permanecer diferentes.

A “paz econômica” desta sociedade significa a expansão do modo de produção dominante, às custas das culturas de subsistência; em nosso caso, visa a incorporação das terras indígenas ao latifúndio. A “terra de trabalho” é engolida pela “terra de negócio”. A “paz econômica” pretende implantar o estandarte do mercado de troca desigual nas aldeias indígenas e criar novas necessidades. “Movidas pelo desejo imoderado de expansão, há certas nações”, diz João Paulo II na referida mensagem, “que chegam a construir a própria prosperidade sem respeito algum ou, mesmo, à custa da felicidade de outras” (nº 3). Não entendemos os termos nação, povo e sociedade como exclusivos. Por isso o Papa pôde falar aos índios de um “povo” e de uma “nação”. O Estado Brasileiro não é formado por uma única Nação, a Nação dos brasileiros. Seu território abriga mais de 100 pequenas Nações indígenas, que conseguiram

sobreviver ao processo de ocupação e conquista. Com isso não se pretende pulverizar o território nacional, mas antes reconhecer a realidade que é pluriétnica e, a partir daí, estabelecer relações de igualdade e de participação entre as diferentes culturas.

A paz integral com sua base no “Evangelho da Paz” deve proteger os povos indígenas e sua subsistência contra toda guerra de expansão econômica e contra todos os preconceitos ideológicos que declaram os povos indígenas como “preguiçosos” por serem independentes e “atrasados” por serem diferentes. Mais uma vez citamos João Paulo II:

“Fazem obra de paz aqueles que se aplicam a despertar a atenção para os valores das diferentes culturas, para a especificidade das sociedades e para as riquezas humanas de cada povo” (nº 6).

A PAZ PARA OS POVOS INDÍGENAS protege também a população envolvente, porque protege as fontes da água, a terra, a vegetação. Estes “povos primeiros”, autóctones, representam também aspectos de uma sociedade nova, baseada na distribuição igualitária dos bens, na convivência pacífica dos homens entre si e com a natureza, na simplicidade das relações como consequência de uma sociedade não dilacerada e não estratificada. Nesta perspectiva, a luta dos povos indígenas pela sobrevivência e nosso apoio a eles baseado na “Boa Notícia da Paz” fazem parte da luta comum por um futuro melhor.

TERRA PARA VIVER

1) *Terra como direito*

No decorrer da história não faltaram leis de proteção ao índio que na realidade não foram aplicadas. A Ordenação Portuguesa de 1º de abril de 1680 reconheceu os indígenas do Brasil como “primeiros ocupantes e donos naturais destas terras”, o que não impediu a prática da assim chamada “guerra justa” e das “Bandeiras” contra os povos indígenas.

A Constituição de 1946 dispôs que os índios têm a posse permanente da terra que ocupam. Já na Constituição de

1967, as terras indígenas se tornam bens da União. A atual Constituição de 1969 confirma a posse permanente das terras ocupadas pelos índios e a propriedade da União. Os povos indígenas, conforme a lei vigente, são posseiros nas suas terras. O proprietário é o Estado.

A 19 de dezembro de 1973, o Presidente da República assinou a Lei nº 6.001, o chamado Estatuto do Índio. Essa lei diz, no seu art. 65: "O Poder Executivo fará, no prazo de cinco anos, a demarcação das terras indígenas, ainda não demarcadas". Esse prazo se venceu em dezembro de 1978, já faz quatro anos. Até hoje a lei não foi cumprida. Nem um terço das terras indígenas estão demarcadas.

Distinguimos várias situações em que se encontram de fato as terras indígenas, hoje, no Brasil:

— **TERRAS DEMARCADAS** são terras indígenas que mediante decreto ou medida administrativa foram realmente demarcadas; como já dissemos, a lei exige essa demarcação, porque somente com suas terras demarcadas os povos indígenas terão as mínimas condições de sobrevivência. Muitas vezes a demarcação das terras indígenas é uma "re-delimitação" delas como, por exemplo, aconteceu com os índios Tupinikin do Espírito Santo, que com a demarcação perderam uma terça parte de suas terras ocupadas.

— **TERRAS INTERDITADAS** são terras de grupos indígenas ainda em fase de contatação, as quais foram objeto de medida do órgão oficial de proteção, impedindo a presença de pessoas estranhas dentro das mesmas. Por exemplo, um grupo de missionários da Prelazia de Lábrea fez um primeiro contato com índios no rio Coxodoá. Até agora pouco se sabe destes índios, não se conhece seu nome, nem sua língua, nem sua história. A primeira medida porém que os missionários podiam fazer e de fato fizeram: pediram a interdição da área de perambulação destes índios para protegê-los contra a invasão de aventureiros.

— **TERRAS DELIMITADAS** são as que foram objeto de alguma medida administrativa do órgão oficial ou de decreto Presidencial, fixando seus limites apenas no papel; se a "delimitação" não é seguida pela "demarcação", não oferece nenhuma segurança para os índios.

— **TERRAS SEM QUALQUER PROVIDÊNCIA** são terras indígenas sem nenhuma das providências acima mencio-

nadas e quase sempre invadidas por fazendeiros e posseiros e cortadas por estradas. Aliás, todas as terras indígenas são plenamente ameaçadas pela invasão dos “brancos” e suas estradas. TERRAS SEM QUALQUER PROVIDÊNCIA são terras habitadas por índios aos quais se nega o direito, muitas vezes, de continuar como índios, o que acontece com o povo Tembé no Pará, com os Kapinawá e os Tinguí-Botó no nordeste. Onde o índio é considerado “integrado” na sociedade nacional, também as suas terras são “integradas” na situação global de disputa de terras que agita o país.

Como sociedade envolvente, temos o sagrado dever de cobrar diante das autoridades o direito dos povos indígenas à demarcação das suas terras para que possam habitá-las

“na paz e na serenidade, sem o temor — verdadeiro pesadelo — de serem desalojados em benefício de outrem, mas seguros de um espaço vital que será base, não somente para sua sobrevivência, mas para a preservação de sua identidade como grupo humano, como verdadeiro povo e nação” (João Paulo II na sua alocução aos índios em Manaus, 10 de julho de 1980).

2) *Terra como vida*

A questão da Terra é o núcleo para o qual convergem todas as questões da vida dos povos indígenas. A perda da terra é a morte dos povos indígenas. Coincide com sua extinção.

Por exemplo — o povo Yanomami: Há todo um esforço de indigenistas, missionários, antropólogos e artistas para a criação do Parque Yanomami. O povo Yanomami conta com uma população de 16.400 indivíduos que habitam a região da fronteira Brasil—Venezuela. Só no território brasileiro são 8.400 Yanomami ameaçados pela presença de grandes mineradoras, dos garimpeiros e da Estrada Perimetral Norte. Este é, com o povo Tükuna do Alto Solimões, um dos últimos grandes grupos indígenas vivendo em terras do Brasil e que ainda mantém intactas suas tradições, sua cultura e sua organização social. A campanha pela criação do Parque Yanomami já faz muitos anos que se está travando sem resultado definitivo. O Parque como

um território contínuo é a única maneira de garantir aos Yanomami a sobrevivência, cada dia mais ameaçada.

Acreditamos que através da “questão indígena” Deus — que é um Deus de vida — põe seu povo diante de uma opção de vida ou morte, à semelhança do povo eleito depois do Exílio: “Eis hoje te ponho diante da vida e o bem, da morte e o mal... Escolhe a vida, e viverás, tu e tua descendência” (Dt 30, 15.19). Optar pela vida é optar por um Deus que se revelou em Jesus Cristo como “caminho, verdade e vida” (Jo 14,6).

A terra para os povos indígenas não é simples mercadoria que se possa vender, comprar ou explorar, é um dado religioso. Terra é seu chão cultural, habitada por suas tradições nas quais se baseiam seus valores, é lugar de seus mitos, campo de sua história. É o seu “lugar” no mundo, o qual estabelecem uma relação de intimidade e de diálogo; onde aquela queda d’água, aquele morro, aquela árvore e aquela pedra são testemunhas de seu passado. É sua terra-mãe, onde repousam seus antepassados. Forçadamente transferidos de sua terra de origem, os povos indígenas vivem como exilados. A terra é a base material, a concretização da sua religião. Terra e religião são a pedra angular e a articulação de todas as questões importantes que tocam os povos indígenas. Todas as intervenções na vida dos povos indígenas e todas as medidas da política indigenista oficial têm incidência sobre as terras, e, por conseguinte, sobre a religião, organização social e cultura dos índios.

Os diferentes projetos oficiais de “civilização”, “integração”, “emancipação” e “estadualização” dos índios devem ser estudados à luz desta incidência. Quem luta pela terra dos povos indígenas, luta igualmente pelas condições básicas de sua religião, da sua vida. Todas as questões de vida e morte são questões de evangelização e pastoral. Perdendo-se a terra e sua posse comunitária, perdeu-se também o eixo da religião indígena.

O que resta “depois da terra perdida” é o direito do mais forte, a competição na sociedade nacional com sua estratificação social. A salvação-libertação dos povos indígenas, como a de todos os homens, é sempre ligada aos problemas concretos da vida. Não há libertação integral dos povos indígenas, senão a partir de suas terras e com elas. Sem suas terras não podem ser salvos como povos.

Os índios Guarani do rio Ocoí no Paraná, por exemplo, já sofreram várias tentativas de serem destruídos como povo através de transferências de suas terras. A má notícia para eles é a inundação de sua terra provocada pela Itaipu Binacional e pelos interesses econômicos ligados a ela. Para a ameaça de um verdadeiro dilúvio sobre vários povos indígenas através das diferentes Usinas Hidrelétricas: a Balbina no Amazonas inundará o território dos Waimiri/Atroari; várias Hidrelétricas no rio Xingu ameaçam diferentes povos indígenas, como a Hidrelétrica de Tucuruí e tantas outras.

CONCLUSÃO: O ANÚNCIO DA BOA NOTÍCIA

Na visão integral dos povos indígenas, a defesa da terra faz parte da própria evangelização. É fundamento de responsabilidade antropológica e da credibilidade pastoral da Igreja. O evangelho como Boa Nova responde à Má Notícia que ameaça estes povos. A Má Notícia em torno das terras indígenas não se refere apenas ao roubo da sua terra, mas também à interferência no cultivo desta terra, à interferência econômica e cultural. Projetos estritamente desenvolvimentistas sempre forçam os povos indígenas a produzirem mais para um mercado que lhes fornece em troca bens de que até então não precisavam e que inevitavelmente criam novas necessidades e dependências.

Nosso apoio aos povos indígenas não é uma prestação unilateral onde somente nós somos os benfeitores. Pelo contrário. Na defesa dos povos indígenas descobriremos muitos valores que nossa sociedade perdeu. Os índios poderão ser nossos mestres no trato da terra e no amor a este primeiro dom gratuito de Deus. Eles podem ajudar-nos a nós que vivemos, às vezes, perdidos no meio de uma sociedade regida pela competição individual, pela estratificação racial e social e pela acumulação desigual.

Os índios nos cobram o respeito pela alteridade. Terras de missões foram sempre terras onde se descobriu o ecumenismo. Se queremos bem aos povos indígenas, não devemos dividi-los pela religião. Nossa tarefa mais nobre de evangelizadores é uni-los, fortalecer sua autodeterminação e ser ponte para a VIDA EM ABUNDÂNCIA.

Semana do Índio 1982:

PAZ E TERRA PARA OS POVOS INDÍGENAS

Carta aos Diretores e Professores

Brasília, 26 de janeiro de 1982.

Prezados Diretores(as) e Professores(as)

Os Bispos e todos os missionários — religiosos, leigos e padres — que trabalham pela causa dos Índios no Brasil sentem que a situação desses povos é cada vez mais dramática. Com essa preocupação é que a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e o CIMI (Conselho Indigenista Missionário) organizam para 18 a 25 de abril de 1982 a SEMANA DO ÍNDIO e lhes enviam este material. São subsídios que poderão ser usados em suas aulas, adaptando-os às idades e situações concretas de sua região e de sua turma.

A Semana do Índio/82, clama bem alto:

“PAZ E TERRA PARA OS POVOS INDÍGENAS”

Estamos acostumados a identificar todos os Povos indígenas, chamando-os simplesmente de índios. Na verdade são povos diferentes, mas hoje reduzidos a pequenos grupos, muitos deles ameaçados de extinção.

Olhando o Mapa (Anexo I) podemos ver vários grupos com nomes diferentes, restos de Povos que têm costumes, línguas, crenças, festas, enfim, culturas próprias.

Muitas vezes, certos costumes indígenas parecem-nos estranhos porque são diferentes dos nossos e temos a falsa idéia de que são “culturas inferiores”. Por causa dessa mentalidade o mundo dos brancos torna-se uma ameaça para eles, especialmente pela usurpação de suas terras.

A TERRA para os Povos Indígenas é tudo! Nós vivemos em uma sociedade em que a terra e seus produtos são utilizados como objeto de lucro e mercadoria. Para os Povos Indígenas, a terra é o lugar no mundo, com que estabelecem uma relação de intimidade e de diálogo, onde a queda d’água, aquele morro, aquela árvore e aquela pedra são testemunhas de seu passado e de sua memória. É sua terra-mãe onde repousam seus antepassados. Ainda hoje a terra continua tendo este mesmo valor para cada um dos Povos Indígenas.

Uma coisa deve estar bem clara: Povos Indígenas são gente como nós; merecem o mesmo respeito que um amazônico ou gaúcho, um italiano, português ou argentino. Como seria belo viver numa Terra onde negros, índios e brancos pudessem conviver em PAZ, cada um respeitando o outro em suas diferenças culturais em pé de igualdade!

Nós brancos contribuimos muito para que a paz e a felicidade entre eles fosse roubada. Sampré — do povo Xerente — disse: “NOSSO SOFRIMENTO COMEÇOU COM O 1º NAVIO QUE CHEGOU AO BRASIL”.

Como descendentes dos conquistadores temos uma dívida muito grande para com esses povos: Eles eram os donos da terra e nós os fizemos estrangeiros em sua própria Pátria. Marçal, índio Guarani, em seu discurso ao Papa, foi porta-voz desses Povos quando disse: “O BRASIL NÃO FOI DESCOBERTO, O BRASIL FOI ROUBADO”.

Nossa civilização também pode aprender muito deles. O índio nos sugere como viver numa sociedade mais humana, onde os bens não estão acumulados nas mãos de poucos, onde as condições de trabalho não sejam aviltantes, mas dignificantes, e onde sobretudo se tenha um profundo respeito pelos direitos de cada ser humano.

Para essa Semana propomos os seguintes assuntos:

- HISTÓRIA DE UM CURUMIM — 1º grau: 1.ª e 2.ª séries
- QUEM SÃO OS POVOS INDÍGENAS — 1º grau: 3.ª e 4.ª séries
- NAMBIKUARA: UM POVO QUE RESISTE E ESPERA: 1º grau: 5.ª a 8.ª séries
- POVOS INDÍGENAS: RUMO A TERRA SEM MALÉS — 2º grau
- OS ASURINI: ENTRE VIDA E MORTE — Para grupos de jovens

Pretendemos que essa Semana do Índio não seja limitada a uma semana de cinco dias letivos, mas que possa ir criando um novo espírito de fraternidade e interesse por esses Povos. Por isto pedimos que o tema “Situação dos Povos Indígenas do Brasil” seja desenvolvido mais vezes no decorrer do ano letivo. Para isso incentivamos o uso da bibliografia indicada (Anexo 2). O Anexo 3 — Endereços, contém uma lista de Entidades relacionadas com a causa indígena, possíveis fontes de informação.

Da sua motivação e entusiasmo dependerá certamente o interesse que crianças e jovens vão ter pelos Povos Indígenas — nossos irmãos mais marginalizados deste Brasil.

Pedimos ainda que nos enviem uma avaliação desta Semana e se possível alguns trabalhos feitos pelos alunos para confecção de um álbum e posterior publicação.

Agradecendo sua colaboração, subscrevemo-nos fraternalmente

A Equipe

CIMI-CEPILA

Cx. Postal — 10.2382

70.000 — BRASÍLIA — DF

Semana do Índio 1982:

PAZ E TERRA PARA OS POVOS INDÍGENAS

Liturgia

TEXTOS PARA A CELEBRAÇÃO

1. *Cântico de entrada:*

ANUNCIAREMOS TEU REINO, SENHOR (ou outro)

Refrão: Anunciaremos teu Reino, Senhor.
Teu reino, Senhor, teu reino.

1. Reino de paz e de justiça
Reino de vida e verdade
teu reino, Senhor, teu reino.
2. Reino que já começou
Reino que não terá fim
Teu reino, Senhor, teu reino.

2. *Introdução*

Meus irmãos, com esta celebração pascal de Jesus Cristo iniciamos hoje a "SEMANA DO ÍNDIO". O tema desta semana é : "PAZ E TERRA PARA OS POVOS INDÍGENAS". Vamos então ligar à cruz e à Ressurreição de Jesus, a cruz que está sendo vivida no nosso país por duzentos e vinte mil pessoas que são nossos irmãos, os índios.

Nossa civilização tirou deles as maneiras próprias de viver, a saúde e até a vida. Mas como Jesus Cristo, mesmo sacrificados eles estão ressuscitando.

Este nosso encontro é de comunhão com Deus nosso Pai e com os índios nossos irmãos. Unamo-nos na mesma caminhada em busca de PAZ e TERRA para os POVOS INDÍGENAS e para todos nós.

3. *Ato Penitencial*

Nossa dívida é grande demais para com os índios. Precisamos, pois, nos converter e pedir perdão. Devemos também nos comprometer em apoiá-los na sua caminhada.

— Pela escravidão dos índios nos engenhos e fazendas, Senhor, nós vos pedimos perdão.

Resp. PERDÃO, SENHOR, PERDÃO.

— Pelo ROUBO das terras dos índios e a expulsão de suas aldeias, nós vos pedimos perdão.

Resp. PERDÃO, SENHOR, PERDÃO.

— Pelos massacres feitos contra os índios em formas de envenenamentos, contaminações criminosas e fuzilamentos ocorridos ao longo da nossa história, nós vos pedimos perdão.

Resp. PERDÃO, SENHOR, PERDÃO.

— Pela falta de interesse e amor para os povos indígenas entre nós, pedimos perdão.

Resp. PERDÃO, SENHOR, PERDÃO.

— Pelo nosso desprezo em julgar os índios como não sendo gente nem nosso irmão, nós vos pedimos perdão.

Resp. PERDÃO, SENHOR, PERDÃO.

4. *Oração*

Ó Deus, nosso Pai, ressuscitastes Jesus Cristo, vosso Filho, que conheceu o sofrimento e a morte, olhai os povos in-

dígenas sujeitos ao mesmo sofrimento e morte. Concedei-lhes a ressurreição e a vida. E com eles aprendamos o Evangelho da solidariedade, da partilha e da paz. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

5. *1.ª Leitura*: Amós 9,13-15.

Introdução: Esta passagem do profeta Amós é uma bela versão das promessas messiânicas. Essas promessas anunciadas outrora ao povo de Israel revelam a manifestação e interiorização de Deus em favor dos oprimidos de todos os tempos. Valem também para os nossos irmãos índios.

6. *Salmo de Meditação* — (Salmo 137 ou outro)

Refrão: (cantado) Aleluia, Aleluia, Aleluia!

Às margens dos rios de Babilônia
nos sentamos, e choramos
com saudades de Sião;
nos salgueiros que ali estavam
penduramos nossas harpas.

Lá os que nos exilaram
pediam canções,
nossos raptos queriam alegria:
“Cantai-nos um canto de Sião!”

Como poderíamos cantar
um canto do Senhor
numa terra estrangeira
longe da casa do Senhor?

7. *Evangelho*: João 20, 19-31.

Introdução: O Cristo Vitorioso da morte traz a paz aos discípulos como frutificação de sua cruz. Hoje também para os índios e para todos nós a paz vem através da luta pela terra e por um mundo novo.

8. *Reflexão*: cf. Subsídios (Anexo).

9. Orações dos fiéis

Introdução: Irmãos, respondamos à Palavra de Deus com nossa oração comunitária nesta semana em que celebramos os sofrimentos e as esperanças dos povos indígenas.

- Por uma solidariedade maior e mais concreta de todo o povo brasileiro com a causa indígena, rezemos ao Senhor.
- Pelos ministros da Igreja, bispos, sacerdotes e religiosos, para que assumam com espírito missionário o serviço à libertação dos índios, rezemos ao Senhor.
- Pela união dos povos indígenas na superação de tudo aquilo que impede sua organização, rezemos ao Senhor.

(Outras intenções)

Conclusão: Recebei, ó Pai, estas nossas súplicas unidas ao clamor e às orações dos povos indígenas nas suas diferentes manifestações religiosas. Na alegria destas celebrações pascais atendei a todas estas súplicas de vossos filhos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

10. Cântico da Comunhão

Salmo 118 (ou outro): Rendei graças ao Senhor
Pois seu amor é sem fim.

11. Oração Final

Ó Deus, nosso Pai, nós vos agradecemos pela celebração da Páscoa de Jesus Cristo, vosso Filho, unida à Páscoa dos índios em todo o continente Latino-americano. Que a comunhão convosco nos leve a concretizar mais nossa comunhão e compromisso com os povos indígenas. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

12. Canto Final — “Paz na terra, pedimos ao Senhor” (ou outro)

APÊNDICE

Subsídio para reflexão após as leituras: Trechos das assembleias dos chefes indígenas. Palavras dos que antes não tinham voz nem vez e agora estão falando.

— Fala do Bororo Eugênio Rondon: “Quando os nossos antepassados viviam nos matos, não precisavam do sal, rapadura, remédios... Tiveram tudo do mato; remédio de cobra e de arraia. Através dos tempos, sofremos as doenças dos brancos. Os antepassados nunca viviam só 50 anos; viviam 100, 120 e até 150 anos. Usavam fumo do mato que não tem nicotina. Tinham uma bebida que era feita do suco da palmeira do babaçu.

Não tinha as confusões que tem o branco. Os meninos respeitavam o avô, os mais velhos, o moço tinha grande respeito, até que se casasse, não se saía do ‘baito’, casa central. Nosso costume era assim.

Hoje a nossa natureza está estragada, contaminada. É difícil fazer casamento. A doença do branco entrou, nós rejeitamos nosso irmão. É tristeza para nós. Se não trocamos esse sistema, nossa tribo vai desaparecer em poucos anos”.

— Fala do Xerente Sempré: “Nosso sofrimento começou com o primeiro navio que chegou ao Brasil”.

— Fala do Kayabi Mairauê: “Antes da chegada do branco meu povo também era livre como os Txukarramãen. Depois da chegada do branco toda a nossa vida começou a ficar ameaçada. Nossos lugares santos estão profanados. Podíamos fazer nossas festas e nos pintar. Fazer corrida, cantar e lutar o ‘hukahuka’. Com o branco isso tudo ficou ameaçado”.

— Fala do Txukarramãen: “Antes nosso povo andava e corria pelo mato. Eu sou Txukarramãen. Minha tribo cavava e fazia festa. Eu não era nascido. Eu nasci no parque. Meus pais contavam que eles nunca precisavam se esconder atrás de roupa e que plantávamos o milho, abóbora para comer”.

— Fala do Palikur: “Meus amigos, esta é uma reunião histórica. É a primeira vez, da história dos nossos povos,

que nós estamos reunidos em Assembléia para discutir problemas dos Índios e tomar resoluções.

O problema da nossa terra é sério, muito sério. Podemos ficar sem ela. Muitos de nós estão dormindo porque não sabem, aliás não conseguem entender que o índio pode perder a sua terra.

Amigos, estou dizendo, temos que nos unir e lutar juntos. Sinto amor pelo meu povo: eles são gente também. Nós temos que defender a nossa terra da invasão do civilizado. O meu coração sofreu desilusão quando soube que nós não somos proprietários da terra. A nossa terra não está assinada por lei, por decreto. Essa eu não sabia não!

Desde que nasci sabia que a terra é nossa, do povo nosso. E agora podem aparecer outros poderosos que podem tirar a terra de nós.

Nós somos pequenos na presença deles. Para querer vencer assim como estamos não adianta.

Estes encontros são muito importantes. Quando estaremos reunidos e unidos, nós seremos vencedores. Será que todos não vão ter pena da terra que estará perdida?

A FUNAI não pode defender o índio sem defender a terra. Ela então é como uma galinha que foge deixando os pintinhos, quando o gavião vem. Temos que lutar pela nossa vida; unidos vamos vencer”.

SUGESTÕES PARA AS CELEBRAÇÕES

TEMA GERAL: “Paz e terra para os povos indígenas”

LEMA: “O índio, aquele que deve viver”

I — *Introdução*

Uma celebração cristã é antes de tudo um ato de comunhão (no Novo Testamento isto quer dizer “participação”). Comunhão com o Pai através de Jesus Cristo nosso Salvador e também através de Jesus, comunhão com nossos irmãos.

Nesta semana os irmãos com os quais queremos especialmente firmar uma comunhão verdadeira são os povos indígenas de nosso país.

“São sobreviventes da grande tribulação...” (Apc 7,14) que de mais de 5.000.000 que eram antes, agora restam mais ou menos 220.000 pessoas, distribuídas em 160 grupos, ou povos que até aqui conhecemos.

E muitas etapas deste massacre coletivo foram cometidas em nome de Jesus Cristo e da missão da Igreja. Eles também podem dizer como os nossos irmãos da África: “Quando vieram os brancos, eles tinham a Bíblia e nós, a terra. Agora eles são donos da terra e nós temos a Bíblia” (Rev. Sem Fronteiras, nº 96, pág. 39).

Por isso várias Igrejas cristãs no Brasil decidiram associar a morte e a ressurreição destes povos irmãos com o memorial e celebração da Páscoa de Jesus Cristo, nosso Irmão e Senhor, fonte de vida e de libertação para eles e para nós.

II — *Sugestões*

- 1º — É muito importante criar na Igreja ou no local da celebração um ambiente que já fisicamente lembre a realidade e a vida dos índios. É aconselhável aproveitar cartazes, fotos, slids, instrumentos e ornamentos indígenas que ajudem a lembrar os índios, a revelar ao povo a riqueza das suas culturas e a tragédia da sua situação (obs.: Se a comunidade quiser preparar a celebração com um filme, há em 16mm e em super-oito o filme: “A Missa da Terra sem Males”, e o longa-metragem: “Terra dos índios” de Zelito Viana, que possivelmente seriam projetados através do CIMI ou de algum organismo afim).
- 2º — Coincidindo esta semana do índio de 1982 com a 2ª semana da Páscoa, é importante que a celebração seja profundamente pascal e não seja um assunto solto e desligado do conjunto da vida da Igreja. Por isso tanto os cânticos como outros elementos de participação comunitária podem e devem ser os da Páscoa e os que a comunidade conhece e pelos quais gosta de se expressar.

3º — É muito importante cuidar da ligação: celebração e vida. A celebração não deve ser apenas ocasião de discursos nem pode visar somente à conscientização da comunidade sobre o problema indígena. A celebração deve ser uma escuta atenciosa da Palavra de Deus (neste nosso caso sobre a realidade indígena) e deve também se constituir como um sinal de adesão e obediência ao que Deus quer de nós. Quer dizer que deve partir da realidade e deve levar a um engajamento prático, mas através de um caminho próprio que é a expressão da fé, da comunidade e da decisão de viver, o que na celebração a gente expressa em palavras e sinais.

Esta celebração pode ser um culto simples ou uma celebração eucarística. O esquema pode ser fundamentalmente o mesmo:

1. *Acolhimento da comunidade e introdução ao "assunto"* da celebração, ligando a realidade indígena com a celebração da Páscoa do Cristo.
2. *Escuta da Palavra de Deus*
 - a) Da Palavra das Escrituras.
 - b) Da realidade indígena hoje.
3. *Resposta da comunidade*
 - a) Louvor, aclamação, meditação ou pedido de perdão.
 - b) Oração de intercessão.
 - c) Sinais de comunhão e compromisso.
4. *Formas de apoio e compromisso com os povos indígenas*
Faz parte da resposta da comunidade à Palavra de Deus, sinais de comunhão e compromisso "com os povos indígenas".

Quais?

Cada comunidade deve descobrir os mais adequados e necessários em suas áreas.

Há regiões em que a situação dos índios é tão terrível que a comunidade deveria tomar como compromisso urgente uma campanha de apoio e solidariedade direta.

Em qualquer caso é importante que a celebração concretize os meios de formar uma comunhão verdadeira com os povos indígenas.

Exemplos:

— Apoiar e ampliar a divulgação de notícias sobre a realidade indígena no Brasil.

— Exercer a tarefa profética da Igreja denunciando os que invadem terras indígenas, ou ferem de algum modo os direitos das comunidades indígenas.

— Elaborar e divulgar cartas e abaixo-assinados dirigidos à FUNAI e concretamente a firmas e empresas que prejudicam os índios, protestando.

— É também possível recolher nesta semana alguma ajuda econômica para a causa indígena. Esta coleta deve ser enviada à CNBB (Nacional) ou diretamente ao Secretariado Regional do CIMI mais próximo.

PAZ E TERRA PARA OS POVOS INDÍGENAS

Programação para o 1.º Grau

1ª E 2ª SÉRIES

TEMA: HISTÓRIA DE UM CURUMIM

OBJETIVOS:

1. Sensibilizar a criança para a realidade de

- *que muitos irmãozinhos índios têm um modo de viver diferente do nosso, mas com muitas qualidades e muito mais alegria e liberdade do que nós;*
- *que esses irmãozinhos estão espalhados pelo Brasil inteiro e são numerosos;*
- *que os brancos ricos e poderosos não entendem que os índios precisam de terra grande e estão invadindo a terra dos índios, estragando a natureza;*
- *que muito antes de o branco chegar aqui, já moravam nesta terra que os portugueses chamaram de Brasil;*
- *que esses povos vão acabar morrendo se ninguém assumir a defesa deles;*

- *que Deus é Pai de todos: negros, índios e brancos. Por isso devemos tratar os índios como nossos verdadeiros irmãos.*

METODOLOGIA:

Propomos que esse tema seja desenvolvido através de todas as matérias:

- *Expressão e Comunicação: Leitura do texto, interpretação, ditado.*
- *Artes: dramatização, desenhos.*
- *Estudos Sociais: Localização geográfica dos povos, e uma noção exata da História do Brasil, mostrando que o Índio era o verdadeiro dono desta terra.*
- *Matemática: Fazer o cálculo dos índios que desapareceram em 4 séculos de conquista. Quantos existiam, quantos existem hoje. Noções de conjuntos (de curuminis, de arcos, flechas, peixes, espigas de milho etc.)*
- *Religião: Sentido de fraternidade e justiça para com esses povos.*

TEXTO BASE: HISTÓRIA DE UM CURUMIM

(Adaptação do Livro “Apenas um Curumim”, de Werner Zotz — Coö Editora/Curitiba)

Na língua de índio Tupi, Curumim quer dizer menino. Tiuí era um curumim de uma aldeia Tupi.

O vovô do curumim se chamava Tamãí.

Antigamente o povo dele era muito feliz e por isso se chamava o “POVO DO RISO”.

A terra desse povo era grande. A mata era grande. A mata era verde. A mata tinha muita caça. Os rios eram claros e limpos. Os rios tinham muito peixe. A terra dava mandioca para farinha e beiju, e milho para cauim.*

A CRIANÇA era feliz, a criança tinha saúde.

A criança caçava, pescava, a criança brincava trabalhando e trabalhava brincando.

Nunca uma pessoa grande batia em criança porque havia muito amor, sobrando até. . .

No “Povo do Riso” não tinha nem rico nem pobre. Ninguém explorava o outro.

No Povo do Riso, os VELHOS tinham a sabedoria.

Tamãí, vovô de Tiuí, tinha a sabedoria.

Tamãí era o guia do seu povo.

Mas, um dia, caraíba * apareceu na terra do “Povo do Riso”.

O Povo do Riso acreditou em caraíba.

O Povo do Riso quis ter muitas coisas como caraíba.

Caraíba enganou “Povo do Riso”, o povo de Tamãí.

O Povo de Tiuí começou a sofrer muito. Caraíba roubou a terra de Tamãí. Caraíba obrigou o Povo de Tamãí a trabalhar pra ele. Caraíba derrubou a mata do Povo do Riso. Sem seus rios e sem sua terra, o povo foi perdendo seu riso, foi perdendo sua liberdade, foi morrendo devagarzinho.

O Povo do Riso sempre escuta uma voz que tem dentro dele, que ensina a sabedoria. Essa voz fala assim:

- Índio é povo livre
- Índio não trabalha pra patrão
- Índio não precisa ter muitas coisas
- Índio só precisa de sua terra, de sua liberdade, de sua festa!

- Terra que tem muita caça
- Terra que tem muito peixe
- Terra que dá mandioca
- Terra que dá milho
- Terra onde Curumim cresce feliz!

Então o Povo do Riso escutou essa voz.

Uma noite em torno da fogueira, os velhos conversaram muito, muito tempo. Tamãí falava que curumim era esperança do Povo. Povo do Riso tem muito curumim. Cada vez vai ter mais curumim.

— Como é que no futuro curumim vai poder viver sem terra?

— Como vai viver sem caçar, sem pescar?

— Como vai viver escravo de caraíba?

E todo mundo resolveu falar duro com caraíba. Todo mundo resolveu conquistar de novo a terra do “Povo do Riso”.

E todo mundo se pintou bem bonito. Pintou com urucum, pintou com jenipapo. Todo mundo se enfeitou de pena e dançou a noite toda — Dança de índio é REZA. Reza, para índio ser forte e viver livre de novo.

O Povo do Riso lutou, lutou muito até conseguir mandar caraíba de volta da terra. Não foi fácil não! Porque quando não tem outro caminho é preciso lutar, se preciso, até morrer!

O Povo do Riso conquistou de novo sua terra.

Agora o Povo do Riso pode viver em paz na sua terra.

Os homens todos foram caçar!

As mulheres todas fizeram cauim de milho!

O povo que estava triste, voltou a ser o Povo do Riso.

Então o Povo do Riso fez uma grande Festa. Teve muita dança bonita, e Tiuí pensou:

“Quando eu ficar grande vou sempre defender a terra do meu povo. Vou sempre defender a vida do meu povo e vou também defender a terra e a vida de todos os povos indígenas. Todo povo índio vai ter

PAZ E TERRA.”

2. Sugestões para o desenvolvimento do Tema

2.1. — *Relato da História e interpretação do texto:*

- O Professor poderá contar a história ou fazer as crianças lerem.
- Ensinar o significado das palavras Tupi:
 - * Curumim = menino
 - * Cauim = bebida que pode ser feita de milho, batata, mandioca, arroz, ou de frutas.

* Caraíba = nome dado aos brancos pelos índios de língua Tupi.

- Perguntar às crianças qual a parte de que mais gostaram.
- Fazer uma série de perguntas:
 - Como vivia o Povo do Riso?
 - De que se alimentava?
 - Como trabalhava? etc. etc...
- Exercício escrito de interpretação do texto.

2.2. — Reflexão

Refletir com as crianças as três partes da História:

- 1º Quando o Povo do Riso era LIVRE e vivia feliz na sua terra.
- 2º Quando Caraíba chegou.
- 3º Quando Tamãí e seu povo conquistaram de novo a sua terra.

2.3. — Atividades

- O Professor pedirá a cada criança para desenhar a parte de que mais gostou.
- Em pequenos grupos desenhar as 3 partes da História.
- Preparar uma dramatização da “História de um Curumim”
- Fazer um ditado com algumas frases da História.
- Propor desenhos comparativos:
 - a TERRA do Povo do Riso antes e depois da chegada do caraíba
 - o TRABALHO DO POVO DO RISO antes e depois da chegada do caraíba.

3. Conclusão

O professor mostrará no Mapa onde existem povos parecidos com o Povo do Riso, especialmente aqueles que vivem na mesma situação:

Por exemplo:

No Amazonas	Yanomami
No Mato Grosso	Tapirapé
No Mato Grosso do Sul	Guarani
No Acre	Kulina
Em Sergipe	Xokó
No Pará	Tembé
No Sul	Kaingang
Em Minas	Krenak
No Maranhão	Guajajara
Em Rondônia	Pakaa-Nova

Se achar necessário (ver nos subsídios para 3.^a e 4.^a séries alguns dados sobre esses povos).

Como vimos, essa Semana tem como objetivo nos unirmos todos na defesa desse povos para que eles tenham PAZ E TERRA.

O Professor convidará as crianças a rezarem um Pai-nosso por todos os Curumins e por todos os Vovós desses povos indígenas. Comentará ainda que Deus também é Pai de todos os índios e que as crianças têm muitos irmãozinhos que eles nem conhecem!

4. Tarefas para Casa

- Contar aos outros amiguinhos a História do curumim Tiuí.
- Fazer a tarefa escrita da interpretação do texto.
- Procurar em revistas retratos de outros curumins.
- Ficar atentos a todas as notícias de rádio e TV que falem sobre índios e trazer a notícia para a Escola.
- Procurar saber quais os grupos indígenas que se localizam no seu município, Estado etc.

5. Anexos

1. Mapa com a localização dos povos indígenas do Brasil.
2. Bibliografia consultada e outros Livros indicados.
3. Relação de endereços.

3ª E 4ª SÉRIES

TEMA: QUEM SÃO OS POVOS INDÍGENAS?

OBJETIVOS:

VER: a situação real dos povos indígenas e os preconceitos de nossa sociedade para com eles.

JULGAR: Confrontando a nossa maneira de ser e agir com os valores desconhecidos desses povos.

AGIR: Através de ações concretas, ir abrindo espaço para uma sociedade fraterna.

METODOLOGIA:

Propomos que esse tema seja desenvolvido de modo globalizante através de todas as disciplinas simultaneamente:

- *Expressão e Comunicação: Estudo dos textos e exercícios de redação.*
- *Artes: Desenho das historietas em quadrinhos, dramatizações.*
- *Estudos Sociais: Conhecimento do mapa e localização dos povos, sua História; seu convívio com a natureza, organização social e religião; tipos de plantação, regiões de milho, arroz; reflexão a partir de texto bíblico, At 2, 44-46.*
- *Matemática: Linha de tempo da chegada dos portugueses até agora, analisando a progressiva extinção dos povos indígenas no Brasil, localizando a época do diálogo de Tupinambá com Lery.*
- *Religião: Aprofundar o sentido da fraternidade e justiça para com todos os povos indígenas.*

SUGESTÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DO TEMA

1. Ver a realidade

1.1. — *Apresentação do cartaz e comentários*

1.2. — *Como os índios são vistos pelos brancos*

Conversa sobre a Semana que é dedicada aos povos indígenas. Muitas vezes, quando se faz uma coisa que desagrade a alguém, ouve-se logo: “Você parece índio”. Com essa maneira de nos expressar queremos dizer: “Índio não presta” ou “só faz coisa errada”.

— Por que é assim? O que isso revela?

(deixar o grupo se expressar)

Essa é a realidade. Frases como essa revelam um desprezo muito forte em relação aos índios. Essas idéias foram colocadas em nossa cabeça e vão passando de geração a geração. Já vêm de longe, do tempo da conquista desta terra pelos brancos vindos da Europa. Eles se julgavam de uma raça superior. A História mostra que negros e índios foram muitas vezes escravos dos brancos. Muito pouca gente pensou ou ainda pensa diferente. Nunca se deu aos índios o seu devido valor.

Vejamos mais profundamente as idéias falsas da nossa sociedade para com os índios:

— Os que moram próximo aos índios dizem:

- “Índio é preguiçoso” porque não aproveita bem a terra. Por isso até justificam o salário de miséria que pagam, quando pagam... Ou falam que índio não precisa de tanta terra.
- “Índio é malvado” — com isso justificam os maus tratos que fazem com eles. “Índio deve ser tratado a bala”, dizia um fazendeiro.

— Os que moram nas cidades, mais distantes deles, dizem:

- “Coitadinho! Índio é bonzinho” — quando se submete a tudo o que o branco quer...
- “Índio é um problema” — quando luta pelos seus direitos...

- “Os índios são poucos” — com isso justificam que não adianta se preocupar com eles. Dizem que há problemas mais importantes a serem resolvidos entre os brancos.
- “Índio não sabe trabalhar” — por isso querem impor aos índios um sistema de trabalho da nossa civilização com a finalidade de lucro. Esquecem-se que os povos indígenas já vivem há 10.000 anos nesta terra.

Ainda uma idéia que ficou em nossa cabeça: chamamos os povos indígenas simplesmente de “índios”. Na verdade são povos diferentes. A cobiça e os maus tratos do branco os reduziram a “pequenos restos” atualmente espalhados por esse Brasil todo. Só alguns ainda estão conseguindo conservar os seus costumes, celebram suas festas, falam sua língua...

1.3. — *O mundo dos povos indígenas*

Cada um desses povos tem uma cultura diferente. Mas todos têm grandes valores nas suas culturas. O índio é alguém que respeita, ama e convive com a NATUREZA. Ele não desmata sem necessidade.

Um índio Tapirapé (MT) falou: “O branco vai derubando e acaba com a mata. Depois vai ainda plantar árvore para fazer sombra! Índio derruba mata, mas só pra plantar as coisas pra poder viver a família”. Os Povos Indígenas caçam e pescam, mas só o necessário para viver.

Nós que somos chamados “civilizados” quantas vezes usamos métodos que acabam com a fauna da região (rede de arrastão, bombas colocadas nos lagos etc.). Índio tem TERRA, mas não é para vender e ter lucro, não é pra fazer comércio. Eles precisam de terra e de muita terra para a sobrevivência do seu povo. Sem terra grande eles ficam sem caça, sem pesca, sem ervas para sua medicina. Numa aldeia indígena não é como na cidade de brancos. Na cidade cada pessoa tem sua profissão. O TRABALHO do Índio é diferente. Todos os homens aprendem o trabalho que só os homens fazem. Todas as mulheres aprendem o trabalho que só as mulheres fazem. Ninguém trabalha só para si. Todo mundo trabalha pra comunidade. Ninguém trabalha sozinho, quase sempre o trabalho é em mutirão. Ninguém

trabalha para ter mais que o outro. A caça, a pesca, tudo é repartido na Comunidade. É uma SOCIEDADE onde não há ricos e pobres, patrões e operários, fazendeiros e peões. Os Povos Indígenas são povos alegres. Celebram muitas festas: na plantação, na colheita... a reza deles é FESTA, o trabalho deles é FESTA. A RELIGIÃO de quase todos esses Povos está muito ligada aos parentes que já morreram.

Em vários povos esses parentes são enterrados com rituais ou celebrações. Por isso é que a terra deles fica sendo sagrada e nunca eles podem vendê-la, nem abandoná-la.

Vamos contar pra vocês a conversa de um Tupinambá que no Séc. XVI explicava para Jean Léry, um francês, como era o sentido da vida e do trabalho deles:

Tupinambá: Por que vocês vêm buscar lenha de tão longe para se aquecer? Vocês não têm madeira em suas terras?

Léry: Tem muita, mas não dessa qualidade. Não é para queimar, é para extrair tinta para tingir.

Tupinambá: Por acaso Vocês precisam de muita madeira?

Léry: Sim, no nosso país existem negociantes que possuem muito pano, facas, tesouras, espelhos e outras mercadorias. Um só deles pode comprar todo pau-brasil com que muitos navios voltam carregados.

Tupinambá: Ah! Isso é uma maravilha! Mas esse homem tão rico de que você fala, ele não morre?

Léry: Sim. Morre como os outros.

Tupinambá: E quando eles morrem, para quem fica tudo o que deixam?

Léry: Para os seus filhos, quando têm. Na falta de filhos, deixam para os irmãos ou parentes mais próximos.

Tupinambá: Agora vejo que vocês são uns grandes loucos, pois atravessam o mar como você fala, sofrem bastante conforme contam quando chegam aqui e trabalham muito para acumular riquezas para seus filhos ou para seus descendentes. Será que a terra que nos alimenta não é suficiente para alimentá-los também? Nós também temos pais, mães e filhos que amamos, mas esta-

mos certos de que depois de nossa morte a terra que nos alimentou também vai alimentar nossos filhos. Por isso é que descansamos sem tanta preocupação.

Vamos então conversar um pouco sobre alguns desses Povos Indígenas. Pelo Mapa, vemos que são muitos! (Mostrar o mapa, ver alguns nomes, localizar geograficamente.)

1. *Yanomami* — Grande povo com cerca de 16.000 índios. Só no Brasil estão mais ou menos 8.000 índios. Estão no Amazonas, Roraima e Venezuela. É um dos povos que até agora conseguiu conservar sua cultura. É um povo que precisa com urgência da demarcação de suas terras. Aqueles que estão defendendo os Yanomami pedem que o Governo decrete o quanto antes o “Parque Indígena Yanomami”, quer dizer, a reserva a que eles têm direito.
2. *Tembé* — São mais ou menos 80 famílias no Posto Indígena do Guamá no Pará. Eles estão sendo atacados no seu direito de ser índio. A Funai não quer reconhecê-los como índios, e com isso correm o grande risco de perder toda a terra da comunidade.
3. *Guajajara* — Foram um grande povo que sofreu muitos ataques dos brancos. Vivem no Maranhão e são atualmente 5.700 índios, na região do Grajaú. Assim como outros grupos indígenas, estão fortemente ameaçados pelo Projeto Carajásão.
4. *Bororo* — São 700 índios que vivem no Mato Grosso perto de Barra do Garças. Em 1976 eles estavam lutando para garantir sua terra. Nesse tempo o fazendeiro João Mineiro foi lá na terra deles e matou o padre Rodolfo, missionário salesiano que defendia o direito dos Bororo, e o índio Simão, que fora defender o padre.
5. *Xokó* — 170 índios que habitam a Ilha de São Pedro — Sergipe. É um povo que estava bastante misturado com os brancos e tinha perdido suas terras. Em 1979 eles se uniram de novo como povo. Depois de muita luta recuperaram a Ilha de S. Pedro.
6. *Pakaa-Nova* — Vivem em Rondônia. Em 1960 eram aproximadamente 3.000 índios, hoje são 891. Foram

dizimados por ataques dos brancos e epidemias. Alguns seringueiros chegaram a lhes dar açúcar envenenado com cianureto, matando uma aldeia inteira.

7. *Guarani* — Eram um povo muito grande, hoje reduzido a mais ou menos 10.000 índios. Vivem espalhados no Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Paraguai. No passado eles saíram em busca da “Terra Sem Males”, a terra que eles sonham como um verdadeiro paraíso, onde não haverá mais doença nem morte.
8. *Krenak* — São 57 nas aldeias e 70 dispersos. Antigamente eram conhecidos pelo nome de Botocudos. Vivem no município de Resplendor, em Minas Gerais. Apesar de todos os ataques sofridos, eles conseguiram conservar a sua língua. Atualmente estão revivendo muitos aspectos de sua cultura que estavam esquecidos. Estão sendo ameaçados de expulsão de suas terras por um grande fazendeiro da região.
9. *Kaingang* — São mais ou menos 10.000 índios espalhados pelos Estados de São Paulo, Santa Catarina e R.G. do Sul. Foram dizimados a partir de 1810 por uma guerra ordenada pelo príncipe regente D. Pedro. Apesar disso ainda se constituem num dos maiores grupos indígenas. Há poucos anos conseguiram recuperar parte de suas terras que haviam sido vendidas pelo governador do Estado.
10. *Kulina* — Vivem no Acre e Amazonas. São mais de 1.000 índios espalhados em diversas aldeias ao longo dos rios Envira, Purus, Jutai. Para o branco é difícil compreender o conceito que os Kulina têm da Terra. Para eles, segundo sua concepção mitológica, a Terra é um bem Universal. Não conseguem compreender por que o branco quer a terra só para si, se é um bem de todos.

O professor(a) pode encontrar mais referências sobre outros povos no folheto: “Quem é o Índio” e “Procurando” da Associação Nacional de Apoio ao Índio — ANAI — Cx. Postal 560 — 98700 — IJUÍ, RS.

2. Atividades

(Por equipes os alunos poderão fazer uma história em quadrinhos sobre a Vida dos Povos Indígenas. Cada quadrinho representará um dos aspectos: — Convívio com a Natureza, Uso da Terra, Modo de trabalhar, Tipo de Sociedade, Festas.)

3. Reflexão

(O Professor(a) convida cada equipe a apresentar seu trabalho e provocará uma reflexão a partir do texto dos Atos dos Apóstolos e de algumas perguntas.)

3.1. — *Texto dos Atos dos Apóstolos* — cf. 2, 44-46

“Todos os que creram continuavam juntos e unidos, e repartiam uns com os outros o que tinham. Vendiam as suas propriedades e outras coisas, e repartiam o dinheiro com todos, de acordo com a necessidade de cada um. Todos os dias, unidos, se reuniam no templo, e nas casas partiam o pão e comiam com alegria e humildade.”

3.2. — *Perguntas*

- A vida das comunidades indígenas se parece com a vidas das primeiras comunidades cristãs? Enumere as semelhanças.
- A vida das comunidades indígenas é diferente da Sociedade dos brancos? Enumere as diferenças.

3.3. — *Conclusão*

- Os Povos Indígenas têm muitos valores que podem compartilhar conosco:
 - A posse comunitária das terras e dos meios de produção;
 - a partilha do excedente econômico;
 - a convivência harmoniosa com a natureza.

4. Sugestões para atividades extraclasse

- 4.1. — *Converse com os pais ou outras pessoas para ver o que pensam sobre os Povos Indígenas. O que as pes-*

*soas dizem está de acordo com o que foi falado?
Sim ou Não? Por quê?*

- 4.2. — *Recortar e colar gravuras de Índios com o SLOGAN DA SEMANA.*
- 4.3. — *Dramatização do diálogo de Léry com o Índio Tupinambá.*
- 4.4. — *Procure saber se há índios no seu Município ou Estado e em que situação eles se encontram.*
- 4.5. — *Faça um cartaz ilustrando a frase do Índio Guarani:*

**“O BRASIL NÃO FOI DESCOBERTO.
O BRASIL FOI ROUBADO.”**

Anexos:

1. Mapa com a localização dos Grupos Indígenas
2. Referências bibliográficas
3. Relação de endereços

5ª A 8ª SÉRIES

TEMA: NAMBIKUARA: UM POVO QUE RESISTE E ESPERA

OBJETIVOS:

A partir do caso do Povo Nambikuara:

VER: a situação deste e de outros povos ameaçados de extinção;

JULGAR: mostrar como nossa sociedade que se diz cristã, em vez de VIDA trouxe MORTE para estes povos;

AGIR: unir novas forças em favor da causa indígena; a partir de ações concretas ir abrindo espaço para uma sociedade fraterna.

METODOLOGIA:

Propomos que esse tema seja desenvolvido de modo globalizante através de todas as disciplinas simultaneamente:

- *História: situação histórica do povo Nambikuara desde os primeiros contatos da Comissão Rondon: de 1908 até hoje.*

— Reflexão crítica sobre a responsabilidade da nossa sociedade no desaparecimento físico e cultural da maior parte desse povo.

- *Geografia: Em estreita conexão com a História, localização geográfica original e as sucessivas mudanças de áreas a que os Nambikuara foram obrigados.*

— Elaboração de mapas

— Traçado da BR 364.

- *Matemática: Porcentagem, gráficos estatísticos etc.*

- *Ciência: Ação destruidora dos desfolhantes químicos; epidemias e situação de saúde (Sarampo, gripe, malária).*
- *Artes: Elaboração de mapas, cartazes, gráficos.*
- *Comunicação e Expressão: Redações, cartas, entrevistas, painéis.*
- *Religião: Reflexão a partir da Palavra do Índio, Palavra do Papa e do Evangelho.*

— *Critérios que devem nortear nossas ações concretas em vista de uma sociedade fraterna.*

ROTEIRO

— *Introdução:*

- *Apresentação do cartaz da Semana do Índio*

— *Por que se comemora a Semana do Índio?*

— *Quem é o Índio, ou melhor, quem são os “Povos Indígenas”?*

(deixar o grupo se expressar)

Dizem os historiadores que por ocasião da chegada dos portugueses a esta terra, havia mais ou menos 5 milhões de Índios. Hoje estão reduzidos a apenas 220.000, aproximadamente.

— *Quantos desapareceram? Isso faz pensar...*

E esses poucos que restam até agora estão ameaçados de extinção.

— *Que aconteceu ou está acontecendo?*

Outra coisa importante que vale a pena ressaltar é que em geral chamamos a esses grupos simplesmente — índios — como se todos fossem iguais. No entanto, olhando o mapa vemos que eles têm nomes diferentes, e cada qual tem sua língua, costumes, crenças próprios. Há povo Guarani, Tapirapé, Xavante, Yanomami, Tiriyo, Kulina, Terena etc.

(Ver no Mapa os grupos indígenas. Só no Piauí, Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro não há índios.)

1. VER:

Hoje vamos conhecer um desses povos que, se devidas providências não forem tomadas, está condenado a desaparecer como os demais:

O POVO NAMBIKUARA:

- Onde vive?
- Quem é esse povo?
- Que aconteceu?
- Qual o seu futuro?

1.1. — Onde vive o povo Nambikuara?

Esse povo viveu sempre na região do Vale do Guaporé, região de matas exuberantes entre o Brasil e a Bolívia, a noroeste do atual Estado do Mato Grosso e sul de Rondônia.

(Procure localizar a região entre Bolívia, Mato Grosso — noroeste —, Rondônia, rio Guaporé, Chapada dos Paresi etc.)

Foi uma região sempre cobiçada por exploradores desde o começo do século XVIII. Mas os guerreiros Nambikuara conseguiram sempre defender seu território da investida do colonizador branco.

1.2. — Quem é esse POVO?

NAMBIKUARA em língua TUPI quer dizer “orelha furada”. Costumam furar também os lábios e o nariz, onde enfiam tembetás de madeira.

Foram os guias índios do marechal Rondon que deram esse nome ao POVO CINZA.

Usam carvão no rosto e costumam ainda dormir sobre uma mistura de cinzas e areia branca. Seus mitos de origem contam que os Nambikuara nasceram das cinzas.

Quando o marechal Rondon no começo do século passava por essa área, a população Nambikuara era estimada em 10.000 índios. Em 1980 são apenas 650, com 250 deles no Vale do Guaporé. Por que tantos desapareceram?

1.3. — Que aconteceu?

Em 1908, a Comissão Rondon conseguiu ligar o Sul do Brasil ao rio Madeira, passando a linha telegráfica pela Chapada dos Paresi no Mato Grosso, longe do Vale do Guaporé. Por essa linha só passavam tropas de carga.

Os Nambikuara expulsaram também os seringalistas que tentaram descer o vale.

Entre os anos 40 e 60 outros brancos tentaram entrar no vale com a corrida da borracha. Fracassaram também.

Assim por duzentos anos os Nambikuara conseguiram manter afastada a mão assassina dos invasores. Mas o seu grande azar foi a BR/364, rodovia que liga Cuiabá a Porto Velho, começada em 1960 e transitável a partir de 1963.

(Veja o Mapa I.)

O povo Nambikuara não tinha mais jeito de se defender dos inimigos: estrada, campo de aviação, derrubadas, capim, boi, arame farpado — inimigos inconscientes — trazidos pelo maior inimigo consciente — o homem branco — fazendeiros, latifundiários! Ao final do ano, 8 grupos foram contatados.

(Veja o nome desses grupos no Mapa I e onde se localizam.)

Etreka, Índio Nambikuara, era jovem quando isso aconteceu e hoje já tem mais de 40 anos e se lembra de tudo e sabe lá, com que dor...

A FUNAI nem sempre desempenhou seu papel de órgão protetor dos índios. Em 1968, escolheu um pedaço de terra para esse povo não no lugar onde eles moravam, mas na Chapada dos Paresi. Era uma terra ruim para plantar, só cerrado e areia. Os índios foram transferidos para lá. Índio sem lugar bom para caçar, pescar, plantar, não sobrevive, morre! Você já ouviu dizer que “flor do campo não se transplanta?” porque murcha e morre? Assim acontece com o índio quando é tirado da sua terra. Para o fazendeiro branco a terra é mercadoria. Mas para o índio a terra é tudo: É pai, é mãe, é antepassado, é culto, é VIDA. Cada grupo tem seu lugar de caçar, pescar, tirar cipó, cultuar os mortos, construir malocas; cada grupo tem seus espaços sagrados, co-

mo nascentes e cavernas onde moram os espíritos de seus antepassados. Em 1968 foi decretada a reserva da Chapa-da-dos-Paresi e a transferência dos índios Nambikuara.

(Veja no MAPA I a reserva decretada em 1968.)

Já em 1970 e 71, essa primeira terra dos índios, no Vale do Guaporé, estava ocupada por 22 empresas que receberam certidões negativas (isto quer dizer: um documento afirmando que não havia índio naquela área que o fazendeiro queria).

Mas a coisa continua: o índio quando pega doença de branco não resiste. Assim no final de 1971, toda população de 15 anos para baixo morreu de sarampo, gripe, malária...

Um médico da Cruz Vermelha Internacional, diante dos Nambikuara famintos, doentes, na miséria, declarou: "A VIDA DESTES ÍNDIOS É UMA VERGONHA NÃO SÓ PARA O BRASIL, MAS PARA A HUMANIDADE".

A terra que deram não prestava. Os poucos que restaram voltaram por conta própria para suas antigas moradas. Outros, foram obrigados a ficar na reserva do cerrado e assim por certo tempo ficavam num vaivém.

Tem mais: não satisfeitos com toda essa desgraça, os fazendeiros, para desmatar a área usam um desfolhante químico: Tordon, proibido desde 1977. Ficaram freqüentes as epidemias de disenteria causada pela contaminação dos rios. De avião jogavam sementes de colônias nas derrubadas dos Nambikuara para afogar a roça deles. O colônias não permite que a floresta retorne em hipótese alguma. Mas toda essa história chega ao cúmulo: Vamos confrontar os MAPAS I e II. Veja por onde passa o 1.º traçado da BR/364. Esse já trouxe a morte para os índios. Os poucos que restam se localizaram de novo como "ilhas" apertadas entre as fazendas, no Vale que lhes pertencia. Agora vão asfaltar a BR/364. Em vez de seguirem o 1.º traçado, fazem outro, passando justamente no meio desse pequeno resto de Nambikuara. Isso somente para favorecer uns poucos fazendeiros, multinacionais.

Quem financia essa obra é o Banco Mundial que empresta dinheiro para estrada, desde que pre-

servem os índios e a ecologia. Apesar de tantos protestos, pedidos, em março de 1982 devem começar o asfaltamento da estrada. Pergunta-se então:

2. JULGAR

2.1. — Qual o futuro dos Nambikuara?

Pelo que tudo indica, é “desaparecer da face da terra” como já aconteceu com tantos povos indígenas. Ficaremos tranqüilos?

2.2. — Confronto da realidade com critérios norteadores de ação

Vamos confrontar essa realidade dura por que passam os Nambikuara com a Palavra do Índio, do Papa, de Jesus Cristo:

2.2.1. *Palavra do Índio Ttibaibou — Bororo — MT*

“Os (índios) que ainda não têm problema de terra vão ter. É preciso garantir primeiro. PASSAR UMA ESTRADA EM CIMA DE UMA ALDEIA É UM CRIME. POR QUE NÃO DESVIAR? O BRASIL É GRANDE. ISSO É TRISTE!”

2.2.2. *Palavra do Papa João Paulo II aos índios em Manaus — Julho de 1980*

“Confio aos poderes públicos e outros responsáveis os votos que neste encontro com vocês eu faço de todo coração, em nome do Senhor, que a vocês, cujos antepassados foram os primeiros habitantes desta terra, seja reconhecido o direito de habitá-la na paz e na serenidade sem o temor — verdadeiro pesadelo — de serem desalojados em benefício de outrem, mas seguros de um espaço vital que será base, não somente para sua sobrevivência, mas para a preservação de sua identidade como grupo humano, como verdadeiro povo e nação.”

2.2.3. *Palavras e vida de Jesus Cristo*

“Eu vim para que todos tenham VIDA e para que a tenham em abundância” (Jo 10,10).

“Em verdade eu vos digo: o que fizestes a um dos menores desses meus irmãos, a mim o fizestes... O que não fizestes a um desses pequeninos não o fizestes a mim” (Mt 25, 40, 45).

“Jesus propôs-lhes uma parábola a fim de mostrar que é preciso pedir sempre e jamais desanimar: Havia em certa cidade um juiz que não temia a Deus nem respeitava os homens. Havia também, nessa mesma cidade, uma viúva que freqüentemente ia ter com ele dizendo: ‘Faze-me justiça na questão com o meu adversário!’

Durante muito tempo ele se recusou. Depois disse consigo mesmo: Embora eu não tema a Deus nem respeite os homens, todavia como esta viúva me importuna, vou fazer-lhe justiça, para que não venha, por fim me bater!”

E o Senhor acrescentou: “Escutai o que fez esse juiz iníquo. E Deus não fará porventura justiça em favor dos seus eleitos que clamam dia e noite por ele? Porventura tardará a socorrê-los? Eu vo-lo digo: Far-lhes-á justiça bem depressa!”

2.3. — Reflexão

- O índio tem razão no que afirma? Sim ou Não. Por quê?
- O pedido do Papa está sendo atendido? Em que ele insiste?
- O trecho de Jo 10 é muito significativo. Jesus é VIDA. Os cristãos que devem ser os continuadores da missão do Cristo na terra trouxeram VIDA aos Nambikuara? Sim ou Não. Por quê?
- Temos consciência de que os índios, negros, marginalizados hoje são o próprio Cristo?
- Qual a mensagem que traz o texto de Lc 18, 1-8?

3. AGIR

- Que podemos ainda fazer?

Todos somos responsáveis pela sobrevivência desse povo que “RESISTE E ESPERA” por nós.

“PAZ E TERRA PARA OS POVOS INDÍGENAS” é o que se clama nesta SEMANA.

Muitos pedidos já foram encaminhados através da “COMISSÃO DO POVO NAMBIKUARA” até para o Banco Mundial. Ainda não se teve resposta adequada aos problemas e às necessidades desse Povo. Mas temos que fazer como a viúva do Evangelho, pedir, continuar a pedir...

E... sabem de uma coisa? Estudante tem muita força. Você já imaginou se deputados, senadores, Ministros recebem cartas de todos esses estudantes deste Brasil inteiro? Que força seria em favor dos Nambikuara ou de outros povos que como eles estão à beira da extinção.

Não adianta só se compadecer e dizer “coitadinhos”...

Ainda é hora de nos unirmos e fazermos alguma coisa de concreto em prol desse povo que a BR/364 esmagará, exterminará.

4. *SUGESTÕES PARA ATIVIDADES E AÇÕES CONCRETAS*

- 4.1. Procurar manter contato com pessoas ou Entidades relacionadas à causa indígena e pedir informações sobre o que se pode fazer ainda pelo Povo Nambikuara.
- 4.2. Entrevistar pessoas para saber o que pensam sobre os índios e organizar um painel com o resultado das entrevistas.
- 4.3. Organizar gincanas, dramatizações, concurso de cartazes etc., focalizando a situação dos povos indígenas, particularmente os que vivem em sua região.

